

Candidatura preocupa Sarney

BRASÍLIA — Os altos índices de popularidade alcançados pelo ex-governador Fernando Collor de Mello têm merecido expressões de apreensão e surpresa do presidente José Sarney. Em avaliações com seus assessores políticos o presidente concluiu ter o candidato do PRN ocupado o lugar originalmente destinado ao ex-presidente Jânio Quadros. O Palácio do Planalto, nessas avaliações, já não descarta a presença de Collor no segundo turno das eleições de novembro.

“O que era um descrédito completo se transformou em estupefação. Não se fala em outra coisa a não ser no nome de Collor de Mello”, confessou um assessor direto do presidente.

Essa constatação o próprio Sarney vem tirando das audiências diárias que concede a políticos, alguns dos quais, inclusive, interessados numa reação do governo para controlar o fenômeno Collor.

A decisão do presidente, no entanto, é não revidar ataques do candidato do PRN, e mesmo quando eles tiveram por alvo o Serviço Nacional de Informações (SNI) e seu chefe, o general Ivan de Souza Mendes, a ordem foi manter silêncio. Ao ser chamado de “generaleco” por Collor, Ivan, que no passado figurou no time dos estrategistas do governo de Tancredo Neves, fechou a cara e não conteve um desabafo: “Molecagem”. Res-

ponder ao candidato, no entanto, “é fazer o jogo do inimigo”, na opinião do Planalto. Se aceitar os insultos, o governo pode influir decisivamente numa candidatura que até a pouco tempo julgava incipiente.

“Collor é atacado pela direita e esquerda, mas sabe se aproveitar do vazio que encontrou no espaço político. O governo fracassou por não fazer o candidato de centro, agora é obrigado a engolir a escalada de Collor”, comentou um político que já ouviu de Sarney, desiludido, um comentário imprevisível: “A única campanha séria que estou vendo é a do candidato do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Roberto Freire”.